

Joseph Ki-Zerbo e a luta pela independência

O professor Ki-Zerbo incarnava muitos personagens de envergadura: um intelectual cosmopolita que fez os seus estudos universitários na Sorbonne com o célebre Fernand Braudel; um historiador nacionalista que tinha fé na revalorização e na prática das tradições africanas autóctones; um militante engajado que trabalhou para a mudança do seu país, o Burkina-faso, em particular, e da África em geral; e defensor da cultura africana que colocava a África no centro da civilização mundial. Combinadas, estas diversas facetas simbolizam uma viragem na história africana, a saber a passagem da era colonial para a era pós-colonial, uma transição não somente vivida, mas estudada por Ki-Zerbo. A sua vivência e as suas pesquisas deram nascimento a uma nova visão da África, que deveria forjar um futuro que não estaria dissociado do seu passado. O presente era, todavia, uma nova época, de transição, mas uma época na qual era preciso imperativamente negociar-se com as forças da tradição e da modernidade. A história, a julgar pelos seus escritos, mudou-se em política – a arte de delimitar o passado, de viver o presente e de forjar-se um futuro. Mas, assim como a política, a história confunde-se com a construção das nações, por intermédio das narrativas e da memória históricas. Nós celebramos a memória de Ki-Zerbo porque ele contribuiu para se fazer conhecer o passado de África. Nós prestamos-lhe homenagem porque ele fazia parte dos que se preocupavam ao nível mais elevado, com a sorte da África. Ele dava realmente muita importância ao desenvolvimento do seu país e do continente.

Momentos chave

A época colonial marcou a primeira infância e a educação de Ki-Zerbo, nascido no Burkina-faso (Alto Volta na época) em 1922, no momento em que as potências coloniais tinham consolidado a sua permanência em África e estavam persuadidas, na sua arrogância, de que a Europa ia perpetuar o seu reino. A primeira guerra mundial acabava justamente de terminar e ninguém esperava o rebentar da segunda guerra mundial e as mudanças espetaculares que se seguiriam, incluindo a

Toyin Falola
Universidade do Texas em Austin.

queda do império colonial europeu. Ele fazia parte dessa classe restrita de privilegiados da sua geração que frequentava a escola europeia. Como era de se esperar, o ensino era marcado pelo seu carácter, ao mesmo tempo francês e colonial, o que implicava uma extirpação dos africanos das suas raízes e a sua imersão num quadro ocidentalizado. A ideologia colonial, inculcada por intermédio do sistema educativo, era o meio de influenciar a mente e o físico. Embora seja verdade que Ki-Zerbo tenha descoberto o francês por esta via, a sua vida adulta faz pensar que ele se serviu deste ensino para evoluir, sem esquecer as suas origens nem as suas tradições, e conseguiu, nomeadamente, preservar uma parte do passado e utilizá-la a serviço do desenvolvimento. Ele manifestava um profundo respeito pelas culturas africanas. Gostava de tomar como fonte de referência as histórias, o saber e os provérbios Samo e burkinabes, não apenas para alimentar a conversa, mas para pôr em destaque conhecimentos e uma visão não ocidentais. Na busca do desenvolvimento, ele propunha revalorizar o *know-how* tradicional e fazer dele um instrumento de mudança progressiva.

Ki-Zerbo atingiu a idade adulta durante o período anti-colonial em que os africanos lutavam pela independência. Para uma geração cheia de esperança, a resistência ao regime colonial tinha subjacentemente perspectivas optimistas, a saber, que a transferência do poder aos africanos levaria a mudanças rápidas. Ele foi então para França, para fazer os seus estudos superiores, onde conseguiu ser professor titular de história e terminou a parte curricular do seu curso no Instituto de Estudos Políticos de Paris. Esse percurso universitário foi a base do seu apego profundo aos estudos transdisciplinares e as suas obras atestam nitidamente a sua capacidade de se inspirar em diversas fontes e disciplinas, assim como as suas con-

tribuições para o desenvolvimento, que são o testemunho de uma consciência aguda em relação à possibilidade de conciliar a tradição com a modernidade.

Obra intelectual

A sua reputação estabelece-se nos anos 1960 e foi consolidada por duas importantes obras cujo impacto ficará sempre vivaz. Esses livros fizeram dele uma personalidade ímpar na sua qualidade de africanista, de historiador e de intérprete esclarecido das tradições orais. O primeiro, *Histoire de l'Afrique noire*, foi publicado pela Hatier em Paris em 1972, e o segundo, o Vol. 1 da *Collection UNESCO de l'Histoire générale de l'Afrique*, publicado em 1980. Ambos atestam uma firme vontade de restituir o seu orgulho à África. Essas obras de Ki-Zerbo foram premiadas enquanto viveu. Christophe Ehret, no termo de uma análise muito crítica de *Méthodologie et préhistoire africaine*, qualifica-a de “obra preciosa de referência que tem o seu lugar em qualquer biblioteca universitária, ou outra”.¹ John D. Hargreaves saúda a *Méthodologie et préhistoire africaine* por esta ter permitido “difundir” os frutos de pesquisas sobre a história moderna”.² A *Histoire de l'Afrique* foi largamente plebiscitada na sequência de um apelo de um crítico literário de renome que pediu a toda a comunidade africana francófona que manifestasse a sua gratidão a Ki-Zerbo pelo seu trabalho, a sua perspicácia e pelo seu realismo.³

A *Histoire de l'Afrique* passa, a justo título, pela primeira obra de envergadura, que conta com mais de setecentas páginas, escrita por um africano sobre a África. Actualmente este livro serve de manual, dado o grande número de obras que foram publicadas desde essa altura. Na sua primeira publicação, fazia pensar numa obra de síntese dos conhecimentos e interpretações que prevaleciam nos anos 60. Embora fosse autoridade na matéria, ele aceitava de bom grado diversas interpretações e conclusões sobre diversos aspectos da história africana. A linguagem era bela e certas fórmulas são, mesmo quando as releio, de uma beleza encantadora. Sem esta pertinência da afirmação, uma obra tão volumosa teria

sido fastidiosa de se ler e não teria provavelmente marcado durante muito tempo os espíritos. Bem ilustrada em trinta longas páginas, com uma bibliografia detalhada, este livro reserva um lugar preeminente na história da África Ocidental, que ocupa um quarto do volume e recebe uma atenção considerável para o período que vai do século VII ao século XIX. A África do Norte está relegada para segundo plano, e a época colonial é tratada superficialmente.

Algumas características evidenciadas neste livro marcaram a longa carreira do Professor Ki-Zerbo. Ele tinha aquela arte de fazer generalizações segundo uma necessidade determinada, mas não deixava de as sustentar com provas pertinentes e judiciosas. O orgulho que ele tinha de África na era pré-colonial era notável. Na sua opinião, a época mais ilustre de toda a história de África situava-se entre o século XII e o século XV, quando os africanos geriam com brio as suas estruturas políticas e instituições e o impacto dos contactos externos lhes era benéfico.

Ki-Zerbo não parava de insistir nas consequências dramáticas da intrusão ocidental em África. O balanço que faz do comércio transatlântico dos escravos é trágico e faz valer que o impacto deste tráfico a nível demográfico estava na origem do subdesenvolvimento. Ele considerava a população assim subtraída a mais de 50 milhões de indivíduos, cifra deitada por terra pelos estudos ulteriores. Segundo, os africanos, na sequência da abolição da escravatura no século XIX, esforçaram-se para restaurar a idade de ouro que tinha prevalecido, mas a intrusão europeia tornou os seus esforços vãos. Condenava também o colonialismo europeu, bem como a dominação pós-colonial, daí a sua pergunta fundamental:

Como explicar o fenómeno pelo qual o custo da acumulação das riquezas e do desenvolvimento no mundo se repercutem sempre sobre África pelo marasmo e pela sua incapacidade de arrancar? Como é que o que é investimento humano em outros sítios se torna em sacrifício aqui? 4

Era editor do Vo. 1 da *Collection UNESCO de l'Histoire générale de l'Afrique: Méthodologie et Préhistoire africaine*.⁵ Esta edição que faz parte de uma série de oito volumes, é um dos projectos académicos mais ambiciosos do século vinte. Nos anos 90, a UNESCO apoiou a

publicação das edições resumidas desses volumes, em livros de bolso, e Ki-Zerbo co-editou, com D. T. Niane, o Vol. 4 sobre *L'Afrique du douzième ou seizième siècles*.⁶ O projecto da UNESCO, concebido desde 1961, levou bastantes anos para ser conseguido. Em 1970, a organização criou o Comité Científico Internacional para a redacção da *Histoire générale de l'Afrique*, com o apoio de Ki-Zerbo que se tinha então tornado suficientemente conhecido participar neste exercício. Esta série tinha como objectivo, como explicou o Professor B. A. Ogot, presidente do comité até 1983, estabelecer uma primeira síntese, sugerir domínios a explorar posteriormente e promover, por intermédio da história das ideias, a unidade do continente africano. A carreira de Ki-Zerbo prova que ele acreditava nessas ideias. Com efeito, Ki-Zerbo e os seus colegas tinham fé na utilidade da história. Descolonizar a história de África acabava por ser estabelecer uma história autêntica de África, segundo as afirmações de Amadou-Mathar M'Bow, director geral da UNESCO de 1974 a 1987. Num ímpeto entusiasta, o director geral declarou-se convencido de que os volumes da série respondiam à necessidade popularizar a história africana e incitavam novas gerações a ter um olhar positivo sobre o seu passado.

Esses volumes da UNESCO deixam transparecer a fertilidade da imaginação de Ki-Zerbo em matéria histórica. Desde o início ele era resolutamente pan-africanista. Os livros cobriam todo o continente africano, rompendo assim com a tradição eurocêntrica que afastava a África do Norte. Assistia-se assim à inclusão das regiões arabófonas. Para além do facto de que Ki-Zerbo insistia na reconstituição geográfica, vê-se claramente que ele levava a peito rejeitar a exclusão do Egipto e o resto da África do Norte do continente. Constata-se igualmente que o volume que ele publicou vai muito para além da sua *Histoire de l'Afrique* em termos de precisão das fontes históricas e da metodologia. Ele tinha um saber enciclopédico e o volume em causa, fonte de referência de primeira ordem para os pesquisadores, é de facto uma obra-prima. Ele tolerava a multi-plicidade e as divergências de pontos de vista. As tensões saltam aos olhos na *Méthodologie*, como testemunha o anexo de David Dalby no capítulo de Greenberg sobre a classificação das línguas africanas.

Ki-Zerbo transformou a história em observatório para compreender o patriotismo, quer cultural, quer político. As suas duas obras citadas em referência podem ser consideradas, com efeito, como manifestos políticos. Uma delas é uma enunciação na qual a voz de um africano conta a história do seu próprio povo. No começo da carreira de Ki-Zerbo, os trabalhos académicos de redacção de história africana estavam no estado embrionário e eras mesmo impossível dedicar-se a este exercício em certos meios. Embora a historiografia ocidental tenha deliberadamente ficado silenciosa em relação à historiografia africana, Ki-Zerbo e os seus pares estavam lá para remediar. Esta missão de reparação era um acto de responsabilidade individual e de engajamento pessoal, uma missão para além da pessoa, um empreendimento colectivo.

Tal como atesta a *Méthodologie et préhistoire africaine*, Ki-Zerbo e os seus pares tiveram também que criar os instrumentos e abordagens necessários usando uma amostra de tradições que davam uma luz sobre o passado de África, bem como novos métodos de origem ocidental em matéria de descoberta e de exploração de fontes. Pode-se dizer que o mais complexo de todos os volumes, dadas as múltiplas expectativas a que os vinte e oito capítulos deveriam supostamente responder – uma análise de diversos historiógrafos; um “ponto de situação” dos conhecimentos em diversos domínios e regiões; a apresentação de resultados complexos obtidos em novos campos da linguística e da arqueologia históricas, etc. O período considerado é longo (e parece ser por vezes difícil de gerir), a saber os cerca de três milhões de anos da era denominada ‘pré-história’. Eu não aprovo esta distinção entre pré-história e história, mas era de bom tom, nos anos 60, criar esse género de separação artificial.

A *Histoire de l'Afrique* e a *Méthodologie et préhistoire africaine* foram possíveis de realizar graças ao apoio de colaboradores e à consulta dos trabalhos existentes. Qualquer pesquisador que publicou uma obra sabe o quanto é difícil organizar os seus pares e o quanto é ainda mais chegar-se a um consenso e gerar um património intelectual. Ki-Zerbo conseguiu criar esse património e levar a cabo os seus árduos empreendimentos. Realizar uma obra tão volumosa foi um exercício difícil, tanto mais que era preciso assegu-

rar uma repartição equilibrada dos autores por disciplina, nacionalidade e raça. Assim, a obra em si constitui um desempenho notável em matéria de cooperação internacional. O comité de redacção internacional para todo o projecto reflectia uma certa diversidade – vinte e quatro pesquisadores de África, dois do ex-bloco soviético, seis dos antigos países membros da OTAN e quatro provenientes de outras regiões do mundo. As reuniões deram lugar à organização de seminários de alto nível. O caminho do consenso foi árduo e longo e, uma vez lançados os trabalhos de redacção, foi difícil impor-se prazos.

A *Méthodologie* caracteriza-se pela diversidade dos domínios cobertos e dos autores, mas Ki-Zerbo soube perfeitamente harmonizar tudo através da sua 'Introdução' e da sua 'Conclusão' do volume. O destaque dado à interdisciplinaridade é nítido e audacioso. A *Méthodologie* é mais do que um livro de história, pois toca na geografia histórica, no clima, na evolução dos homínidos, na difusão dos metais e a muitos outros aspectos. Ki-Zerbo insistia na necessidade, para os seus colaboradores, de se reconhecer a interdisciplinaridade (que ele considerava, de resto, como uma 'fonte'); a importância de se perceber a história africana de dentro, que nunca mais deveria ser 'avaliada segundo valores estrangeiros',⁸ e a necessidade de se dar destaque à unidade continental – a história dos povos da África inteira, incluindo a parte continental e as ilhas vizinhas como Madagáscar, segundo a definição consagrada pela carta da OUA.⁹ Ele prevenia-nos em relação ao facto de se deixar suplantar as nossas narrativas históricas pela história das forças e agentes externos:

Mas a parte essencial centrar-se-á nas civilizações, instituições, as estruturas: técnicas agrárias e metalúrgicas, artes e artesanato, circuitos comerciais, concepções e modificações do poder, cultos e pensamento filosófico ou religioso, problema das nações e pré-nações, técnicas de modernização, etc.¹⁰

Ki-Zerbo escolheu deliberadamente um projecto cultural. Ele não se contentava em contar a história de África, mas teimava sobretudo em pôr um carimbo de autenticidade às tradições de antigamente do continente. Considerava a cultura africana na sua diversidade como uma tradição viva, rejeitando a ideia de que o passado de África estava acabado. A

Méthodologie demonstra a importância para a África do seu passado para o presente, citando o exemplo dos peuls e dos mandingues, entre outros. A autenticação das fontes orais tornava-se desde logo um aspecto da autenticação do passado propriamente dito. Com efeito, não se deve confundir a escrita e o saber, como observava um dos autores (Hampaté Ba). A África não fosse talvez rica em fontes escritas, mas era-o em saber. Esse saber tinha sido transmitido à geração actual e era caso de o explorar e respeitá-lo.

Professor, homem político e defensor da cultura

Ki-Zerbo estava consciente da missão atribuída à sua geração e fazia tudo para não a trair. Recebeu o melhor que podia oferecer o sistema educativo colonial, sem cair na armadilha da tentação que eram as vantagens que ele prometia aos indivíduos e não à sociedade propriamente dita. Muitos africanos da sua geração, de todas as regiões do continente, foram seduzidos pelas vantagens da mobilidade inerentes ao ensino colonial. Para as vítimas desta tentação, a educação tornava-se num meio de adquirir riqueza e poder, de tradições africanas, chegando mesmo a exaltar as virtudes do passado, ou melhor, a se servirem do passado na arena política actual. Ele inspirava-se ao mesmo tempo no ensino ocidental e no seu saber intrínseco para falar do futuro da África.

Ki-Zerbo era um professor de história. Foi na França que ele começou a sua breve carreira de professor em 1956 e, em 1958, foi para Conacri onde permaneceu durante um ano. Gostava de falar da sua experiência naquela cidade, no momento em que Sékou Touré carregava promessas e esperanças. A Guiné permitiu-lhe manifestar o seu anticolonialismo radical, juntando-se aos militantes que rejeitaram a constituição francesa de 28 de Setembro de 1958, iniciativa imperialista tomada por De Gaulle para manter para sempre as colónias sob o jugo. No momento em que os franceses conspiravam para pôr a Guiné de joelhos, Ki-Zerbo e os radicais da época entreviam um futuro melhor para esse país. As dissensões políticas eram moeda corrente, e Touré criticava muitas pessoas pelas suas concepções ideológicas. Ki-Zerbo voltou finalmente em 1960 para o seu país que estava confrontado com uma falta de professores e de pessoas instruídas, bem como com um sistema educativo rudimentar.

Único professor titular, Ki-Zerbo recebeu logo todas as honras. Não apenas ele ia supostamente ensinar, mas tinha o dever de participar também na elaboração das políticas para um melhor acesso à educação. Tornou-se numa autoridade que formou professores e tomou iniciativas para democratizar o ensino. Ensinou assim na escola secundária e no Centro de Ensino Superior de Ouagadougou, exercendo ao mesmo tempo as funções de inspector das escolas, de director-geral da educação nacional e de professor de história na universidade de Ouagadougou.

Gravou com letras de ouro o nome do seu país no mapa de África, por ter sido o seu mais ilustre embaixador intelectual. Esforçou-se resolutamente em promover no seu país a cultura africana na sua diversidade, fazendo-se sempre notar nos fóruns e organismos internacionais. Eu vi-o no Brasil alguns meses antes da sua morte, na grande conferência organizada pela União Africana em 2006 e da qual o governo brasileiro foi anfitrião. Muito antes dessa data, ele tinha jogado um papel de primeiro plano na UNESCO (onde esteve no Conselho Executivo de 1972 a 1978), na Organização da Unidade Africana e em diversas instâncias em matéria de elaboração de programas escolares e de projectos de produção histórica. Em todas essas actividades ele considerava a educação como um instrumento de desenvolvimento.

Ao longo do tempo, ele concebeu uma filosofia da educação de carácter específico. Algumas dessas ideias estão expostas em grandes obras.¹² A educação deve ser interdisciplinar, para que os problemas possam ter soluções de diversas fontes. A prática e a teoria são indissociáveis. O passado deve integrar-se no presente e a África deve beneficiar das redes mundiais. Em 1980 criou a sua própria ONG para pôr as suas ideias em prática. Esta ONG denominada Centro de Estudos para o Desenvolvimento Africano (CEDA), tinha como objectivo fazer pesquisas cujo segredo é de facto detido pela nossa terra... que permitem integrar a protecção do meio ambiente, a praxis social e a identidade cultural, sectores chave que são regularmente relegados para segundo plano em projectos de desenvolvimento. Durante o seu exílio, ele reimplantou o CEDA no Senegal onde organizou vários encontros académicos e publicou obras.

Ki-Zerbo, como a maioria dos africanos, preocupava-se com a pobreza e a boa

governança, usando de todos os seus recursos para resolver esses problemas. Se é verdade que os seus dois livros de história evocados acima tratam superficialmente as realidades económicas e políticas contemporâneas, o melhor meio de precisar as suas ideias sobre a libertação africana e ler o seu longo ensaio ‘Le Développement clés en tête’,¹³ que defende que as respostas para o problema do desenvolvimento residem nas nossas próprias mentes e espíritos. Para falar em termos de simbólica autóctone, os africanos devem servir-se da sua cabeça e do seu espírito para encontrar soluções para os problemas. Na sua opinião, a história tinha-se tornado um recurso, um modo de vida, um paradigma. Ele demonstrou a viabilidade das suas ideias em matéria de práticas económicas, insistindo, por exemplo, no facto de que os agricultores locais deverem combinar as práticas seculares com as tecnologias modernas.

Naturalmente, o seu país tirou proveito da sua presença. Amadé Badini, um jovem colega e intelectual burkinabe de renome, atestou a influência de Ki-Zerbo em termos muito elogiosos: É uma figura simbólica das lutas contemporâneas da África negra e goza praticamente de um estatuto de lenda viva no seu próprio país, fazendo pairar a sua aura, omnipresente, se bem que por vezes discreta, sobre todos os grandes acontecimentos da vida pública no Burkina-faso.¹⁴ Ele deixou as salas de aula para entrar na arena política do país, com uma grande ambição – dirigir um partido político e dotar-se de meios de acção. Nesta óptica, criou em 1958 o Movimento de Libertação Nacional, partido político que prometia mudar o Burkina-faso. Ao longo dos anos, o partido foi rebaptizado, primeiro como União Progressista do Alto Volta, e depois como Partido para a Democracia e Progresso, mas a visão continuava sendo fundamentalmente a mesma. Apesar do espaço democrático reduzido, ele aproveitava qualquer abertura que se apresentava para passar mensagens políticas e organizar as populações. Embora o momento não se prestasse a declarações públicas, ele procedia de maneira indirecta para influenciar a vida política. Nos anos 90, tornou-se, em favor do restabelecimento da sua formação política, membro do parlamento e chefe do partido da oposição.

A meu ver, Ki-Zerbo tinha uma tese – decerto contestável – que era que os intelectuais deveriam gozar de poderes polí-

ticos, ou que os que estão no poder deveriam ser filósofos. Mas um partido de intelectuais arrisca-se a transformar-se numa elite restrita incapaz de massificar a democracia. As grandes ideias merecem ser traduzidas em projectos viáveis aos quais as massas pudessem aderir e participar. Uma leitura correcta do seu pensamento indica que ele pediu aos intelectuais para estarem na vanguarda da evolução política criando uma ‘neo-civilização africana progressista’. Ele estava convencido que os seus conhecimentos podiam contribuir com elementos úteis do passado, sanear a cultura dos nossos antepassados, derrubar a cultura ocidental imposta e conceber um novo produto de síntese.

Ele privilegiava os intelectuais em relação aos políticos. Na sua opinião, os intelectuais eram nómadas que se encontravam em qualquer lado: eram inacessíveis, independentes, críticos, chamados a mudar, a ultrapassar e a contornar os outros.¹⁵ Ele respeitava os intelectuais engajados que, segundo ele, estavam na ‘vanguarda da cidadania responsável’. Esse engajamento, para um intelectual, não estava isento de riscos – Ki-Zerbo foi ele próprio exilado pelos militares durante muito tempo, de 1983 a 1992, e a sua biblioteca, cuja colecção estava avaliada em 11.000 obras, destruída pelo regime militar.

A herança de Ki-Zerbo

Em primeiríssimo lugar, devemos continuar a fazer valer as heranças múltiplas que o inspiraram e lhe insuflaram tanta energia na sua vida de professor, historiador, escritor e homem político. O fundamento desta autenticidade é uma referência. Ele tinha fé em África, tirava glória do seu passado. Apenas podemos dedicarmos a perpetuar esta tradição de autenticidade. A nossa obra permanece inacabada, mas os nossos objectivos são os mesmos do que os de Ki-Zerbo: obter a independência de África e libertá-la do jugo, e afirmar a sua identidade apoiada pelo seu próprio génio criador. Ele desafiava-nos para darmos provas de originalidade nas nossas reflexões. Não queria dizer com isso que nós não devêssemos procurar a educação fora de África – ele próprio se interessava pela filosofia grega, pela literatura clássica ocidental e por muitos outros domínios. O que ele nos pedia era que nos inspirássemos também nas profundas fontes de conhecimento das nossas sociedades autóctones e tirássemos partido de outras fontes para

nos desenvolvermos. Esta mistura intelectual, martelava ele, levar-nos-ia a afastar os modelos que não nos convinham. Devemos, como ele nos convidava a fazer, dar provas de criatividade, recorrer ao génio local e ao desenvolvimento endógeno. Ele não nos pedia que nos tornássemos prisioneiros do passado, mas que considerássemos o passado como uma fonte de referência crucial, garantindo-nos que éramos capazes de pensar por nós próprios. Somos exactamente como ele diante das contradições da nossa época – seja entre o passado e o presente, a tradição e a modernidade, a paz e o caos. Ele via um passado derreter-se no presente, e um futuro imprevisível e incerto. O mesmo acontece connosco.

Permitam-me concluir reiterando o que incarnava esse guru e que devemos cultivar: a afirmação da nossa pertença às grandes tradições de África; o culto da sabedoria africana; a fé que nos dá essa confiança em nós, enraizada num conceito de “autoconhecimento”; a capacidade de pensar por nós próprios; e a recolha de ideias de todas as origens e horizontes. Ki-Zerbo é doravante um antepassado que nos observa: tenhamos o cuidado de não fazermos coisas que o obriguem a fechar os olhos. A África pode renascer? Esta era a pergunta mais importante que colocava Ki-Zerbo durante a sua vida. Ele colocava essa pergunta por despeito – ele estudou uma época ilustre e viu a sua decadência, onde o continente não tinha um grande desenvolvimento em matéria de tecnologia, de ciência e de desenvolvimento. Cabe à nossa geração responder a essa pergunta: Sim, a África vai renascer.

Notas

1. Christopher Ehret, *analyse, African Studies Review*, Vol. 24, No. 4 (Dec. 1981), pp. 134.
2. *Analyse dans Africa: Journal of the International African Institute*, Vol. 54, No. 3, p. 111.
3. A. D. Roberts, *analyse, The Journal of African History*, Vol. 15, No. 1 (1974), p. 150.
4. Joseph Ki-Zerbo, ‘African Intellectuals, nationalism and pan-Africanism: a testimony’ in Thandika Mkandawire, ed., *African Intellectuals: Rethinking Politics, Language, Gender and Development* (Dakar and London: CODESRIA & Zed, 2005), p. 78.
5. J. Ki-Zerbo, ed., *UNESCO General History of Africa, Vol. 1: Methodology and African Prehistory*. Berkeley: University of California Press. London: Heinemann Books,

- 1981; London: Heinemann Educational Books, 1981.
6. J. Ki-Zerbo and D. T. Niane, eds., *General History of Africa, Volume 4, Africa from the Twelfth to the Sixteenth Century*, abridged edition. Berkeley: University of California Press; London: James Currey; Paris: UNESCO, 1997.
7. J. Ki-Zerbo, ed. *UNESCO General History of Africa, Vol. 1: Methodology and African Prehistory*, p. 16.
8. Ibid, p. 17.
9. Ibid, p. 20.
10. Ibid, p. 23.
11. E. A. Ayandele, *The Educated Elite in the Nigerian Society* (Ibadan: University of Ibadan Press, 1974).
12. J. Ki-Zerbo, *Educate or perish* (Dakar-Abidjan: UNESCO-UNICEF, 1990); et 'La natte des autres (pour un développement endogène en Afrique)', por ocasião dos trabalhos do colóquio sobre o Centro de Pesquisas para o Desenvolvimento Endógeno (CRDE), Bamako (Paris: CODESRIA/Karthala, 1989).
13. Documento apresentado no colóquio organizado pelo Centro de Pesquisas para o Desenvolvimento Endógeno, Bamako, 1989.
14. Amadé Badini, 'Joseph Ki-Zerbo', (Paris, UNESCO: Bureau international de l'éducation), vol. XXIX, no. 4, 1999, p. 3.
15. Ki-Zerbo, 'African Intellectuals', p.79.